

# A poética do divino e do profano em Fernando Pessoa

Aline Santos de Brito Nascimento<sup>1</sup>

*Sê plural como o universo.*

Fernando Pessoa

**Resumo:** Este estudo é uma abordagem crítico-literária que pretende instituir a constatação das várias formas de manifestações de crenças religiosas nos poemas de Fernando Pessoa. Comparam-se as semelhanças e as diferenças ocasionadas pelos fatores histórico-culturais que envolveram o poeta em suas diversas facetas. As obras analisadas foram selecionadas a partir da identificação do tema e de sua recorrência. Foram observados, a princípio, o contexto e uma possível interpretação do leitor, passando pela simbologia como recurso interpretativo. O estudo resulta na formação de uma fonte de pesquisa sobre o autor analisado, colocado como representante das nações em que viveu, como Portugal e África do Sul, e de sua cultura, através da investigação do Sagrado e do Profano em seus poemas.

**Palavras-chave:** Poesia; Religião; História; Cultura.

---

<sup>1</sup> Mestre em Cultura & Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz; Especialista em Literatura Comparada, UESC; Licenciada em Letras e Artes, UESC. *E-mail:* alinesbn@uesc.br.

## Introdução

Este estudo é uma abordagem crítico-literária que pretende instituir a constatação das várias formas de manifestações de crenças religiosas nos poemas de Fernando Pessoa. Comparam-se as semelhanças e as diferenças ocasionadas pelos fatores histórico-culturais que envolveram o poeta em suas diversas facetas.

As obras analisadas foram selecionadas a partir da identificação do tema e de sua recorrência. Foram observados, a princípio, o contexto e uma possível interpretação do leitor, passando pela simbologia como recurso interpretativo. O estudo resulta na formação de uma fonte de pesquisa sobre o autor analisado, colocado como representante das nações em que viveu, como Portugal e África do Sul, e de sua cultura, através da investigação do Sagrado e do Profano em seus poemas.

## O sagrado e o profano

O Deus único é a forma mais recorrente de crença encontrada na literatura ocidental, como resultado de uma educação religiosa pautada no teocentrismo. Tighman (1996, p. 47), em *A existência de Deus e a Existência de outras coisas*, afirma que “o ponto central tanto do judaísmo como do Cristianismo é a crença em Deus e a crença de que Deus criou o mundo e teve participação ativa nos assuntos do mundo”, comprovando o tom de exaltação geralmente encontrado nos poemas que falam de Deus como formador do universo e proporcionador do destino de todos os seres vivos.

As definições sobre o que seria de fato, dentre as atitudes humanas, classificado como Sagrado ou Profano são um assunto discutido entre os filósofos e historiadores de todos os tipos. Uma das interpretações possíveis é trazida aos leitores por Mircea Eliade (1998, p. 07) quando afirma: “‘Sagrado’ e ‘Profano’ – todas as definições do fenômeno religioso apresentadas até hoje mostram uma característica comum: à sua maneira, cada uma delas opõe o *sagrado* e a vida religiosa ao *profano* e a vida secular”.

Há, na história da civilização africana, uma constante mistura de crenças que adquirem nuances, por vezes, mais teocêntricas, assemelhando-se ao comportamento europeu, mas que outra vezes se multiplicam em deuses e divindades diversas, característica predominantemente encontrada na África. Além disso, a figura do mito está sempre presente, como afirma Brunel:

Etnólogos e africanistas realçam a importância do mito nas sociedades negro-africanas tradicionais, caracterizadas por uma ligação muito estreita do social e do sagrado. O mito define as origens, funda a crença, explica e legitima as instituições sociais, dá sentido às realidades cotidianas, constitui o fundo de conhecimentos úteis aos membros da comunidade étnica (1997, p. 667).

Desse modo, assim como ocorre uma multiplicação dos seres divinizados na História da África que, conseqüentemente, é explicitada nos versos de seus poetas, também o mesmo pode ser percebido no Ocidente, onde, apesar do predomínio do Teocentrismo, ocorrem manifestações panteístas encontradas em sua literatura, espiritualizando animais, vegetais e minerais.

## A poética pessoana

Juntamente com outros artistas que formavam a chamada Nova Geração, Fernando Pessoa é um dos principais nomes que se destacam na literatura portuguesa, tendo participado do marco inicial do Modernismo Português, com a publicação da revista de literatura *Orpheu*, em 1915. Produzindo poemas desde a infância, Fernando Pessoa pôde inserir nos seus conhecimentos um pouco da cultura de cada país em que viveu: a da África do Sul e a de Portugal. Sempre participando das atividades ligadas à literatura, o poeta publicou algumas obras em inglês, pelo fato de que o país africano em que viveu fora colonizado pela Inglaterra. O livro *Mensagem* foi o único em língua portuguesa publicado em vida, já que suas *Obras completas* só foram publicadas em 1942, sete anos após seu falecimento.

Segundo o próprio poeta, em carta enviada, em 13 de janeiro de 1935, a seu amigo e crítico literário Adolfo Casais Monteiro, o fenômeno da heteronímia, principal elemento de análise da crítica literária acerca de sua obra, constituiria necessidade e estratégia do poeta para a completude de sua produção, assumindo as máscaras com que o poeta se veste: “Criei em mim várias personalidades. Crio personalidades constantemente. Cada sonho meu é imediatamente, logo ao aparecer sonhado, encarnado numa outra pessoa, que passa a sonhá-lo, e eu não”. Definindo sua poesia como sonho, Pessoa trata-a de forma onírica e, de certa forma, fantasia-a através de sus heterônimos, como no poema “Isto”:

Dizem que finjo ou minto

Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo [...]  
Sentir? Sinta quem lê!  
(PESSOA, 1984, p. 141).

Cada poeta que integra o conjunto de heterônimos criados por Fernando Pessoa possui características próprias que o humanizam e lhe dão mais veracidade, diferenciando-o daqueles poetas que apenas usam um pseudônimo. Cada heterônimo ou semi-heterônimo tem sua biografia, sua aparência física, sua personalidade, sua formação cultural, sua profissão e sua ideologia. O poeta, sobre os heterônimos, acrescenta: “não são só as idéias e os sentimentos que se distinguem dos meus: a mesma técnica da composição, o mesmo estilo, é diferente do meu. Aí cada personagem é criada integralmente diferente, e não apenas diferentemente pensada” (PESSOA, 1984, p. 12).

Muitos dos versos de Fernando Pessoa assumem características que demonstram a sua necessidade de multifacetar-se, concordando com a idéia de pluralidade que os heterônimos propõem expandir através dos poemas como no verso: “Sê plural como o universo!” (PESSOA, 1982, p. 102); ou versos que identificam o multifacetamento português: “O bom português é várias pessoas” (PESSOA, 1982, p. 102). Além desses, há o mais célebre poema de Fernando Pessoa ortônimo, que, em tom metalinguístico, traduz o fingimento poético, já que a heteronímia pode ser considerada uma variação do fingimento que o poeta assume:

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente  
(PESSOA, 1984, p. 84).

O ato de fingir dá ao poeta a liberdade de criar da forma que lhe convier, podendo escolher o nome, a técnica, a estrutura, e as ideias que formarão seu poema. Segundo Pessoa, “O poeta é um fingidor”, e essa consciência do fingimento faz com que o leitor compreenda a variedade de sentimentos, temperamentos e estilos que compõem sua obra, não correndo o risco de atribuir à vida do autor aquilo que por ele é produzido, pois não poderia ser Fernando Pessoa, ele mesmo, tão repleto de “máscaras” em seu exterior, as quais constituem a questão heteronímica em sua obra.

É necessário ressaltar que, além de literato, Fernando Antônio Nogueira Pessoa atuava também como horoscopista e ocultista; ao mesmo tempo, vivia crises nervosas e excessos alcóolicos, comportamentos estes que distavam do padrão moral de vida português. Tais fatos, que poderiam parecer uma contradição, na verdade são uma plausível explicação sobre a diversidade de crenças que podem ser encontradas na produção literária de Fernando Pessoa, que, por vezes, mergulha na exaltação do sagrado, e, em outros momentos, enche-se de proposições profanas.

Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Pessoa, tem como uma das principais características o paganismo, que fora também intensificado por Ricardo Reis, outro heterônimo. O heterônimo Ricardo Reis, ao contrário

de Caeiro, teve contato com os estudos, inclusive de cultura clássica, como, por exemplo, mitologia grega. Álvaro de Campos, também heterônimo, fora classificado por Pessoa como histericamente histérico. Apesar de valorizar a sensação, como Caeiro, Campos é um poeta futurista, e suas sensações não estão pautadas na natureza, mas nas máquinas.

Ressalta-se que, além dos principais heterônimos, Pessoa produziu, entre outros, alguns semi-heterônimos, como Coelho Pacheco, autor de um único poema, “Para além de outro Oceano”; Alexander Search, com poemas escritos em inglês (língua oficial da África do Sul, onde Pessoa viveu durante alguns anos), e Bernardo Soares, com o “Livro do desassossego”.

## **O divino e o profano na obra ortônima**

O sujeito de enunciação lírica tem na poética o poder de “vestir-se” de uma “máscara” no momento da produção, fazendo com que sua obra adquira diversas facetas, inclusive as que envolvem o discurso sobre o sagrado ou o profano. Acordados a esta ideia, os poemas pessoanos, encontrados em *Mensagem* e em outras obras, têm uma característica em comum, que é a exaltação a Deus e ao Cristianismo, em sua maioria. Tem-se, então, nesses poemas, um exemplo de superposição do catolicismo, religião predominante em Portugal, na qual o poeta foi educado, em relação às outras manifestações religiosas também encontradas na produção poética de Pessoa: “Só encontrará de Deus na eterna calma/ O porto sempre por achar” (PESSOA, 1984, p. 74).

Em “Os Campos – Segundo/ O das quinas”, um dos poemas iniciais da obra *Mensagem*, há uma identificação da crença cristã nos versos: “Foi com desgraça e com vileza/ Que Deus ao Cristo definiu:/ Assim opôs à Natureza/ E filho o ungiu” (PESSOA, 1984, p. 93). A seleção vocabular que o poeta fez consta de palavras consideradas sagradas, escritas com letra maiúscula, característica dos nomes próprios da língua portuguesa e que denota respeito e exaltação. No entanto, pode-se notar uma conotação negativa nos versos, principalmente quando aparecem os termos “desgraça” e “vileza”. Esse texto foi assinado por Pessoa, ortônimo, que, segundo as definições que o próprio poeta costumava fazer, é crente em Deus e cristão, opondo-se a alguns dos seus heterônimos pagãos, ou falsamente pagãos, como Pessoa definiu Álvaro de Campos; e panteístas, como Ricardo Reis.

A epígrafe de *Mensagem* está escrita em latim, língua ensinada aos povos colonizados como parte da catequização imposta pelos romanos: *Benedictus Dominus Deus noster Qui dedit nobis signum*. A frase traduz-se por “Bendito Deus nosso Senhor que nos deu o sinal”, demonstrando que os portugueses atribuem a Deus os sinais que veem, sejam eles de bonança ou de desgraça, como a guerra anunciada na epígrafe de “Primeira Parte - Brasão”: *Bellum sine Bello*, ou seja: “Guerra sem guerra”.

A observação em relação à época de publicação do livro, levando-se em consideração as imposições sociais portuguesas, pode explicar algumas das influências na sua tendência religiosa, já que outras obras de Pessoa, publicadas posteriormente, tratam de temas diversificados ou até opostos a esse. O poeta, com seus heterônimos, faz com que seja perigoso ou imprudente



uma pré-definição de sua real posição, pois, mesmo quando fala de Deus, pode-se notar um tom irônico, que não deixa de suscitar os pontos negativos da religião. No poema anterior, “Cristo” foi criado com desgraça também, e antes é dito: “Compra-se a glória com desgraça”. Em “Os Castelos – Primeiro/Ulisses”, há uma definição do “mito” da fundação de Lisboa. O oxímoro que abre o poema, “O mito é o nada que é tudo”, nega duplamente a crença portuguesa e mescla com “O corpo de Deus/ Vivo e desnudo”, definidos mais tarde como “lenda” que entra “na realidade”:

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre (PESSOA, 1984, p. 94).

Essa lenda teria sentido duplo, pois remete também ao mito de D. Sebastião, presente no imaginário português; e o poeta continua a afirmar que “A vida”, o real, está “Em baixo” dessa lenda, sem valor, sendo “metade/ De nada”, morrendo.

O poema “Sétimo VI/ D. João O Primeiro” questiona a efemeridade da vida do ser humano, “cujo pó/ A terra espreita”. O tempo une-se ao homem “Quando Deus fez e a história é feita”, única forma de eternizar, pois a carne que o próprio “Deus faz” vai-se, mas a “história” fica. Aqui o poeta questiona a vida como algo frágil, passageiro, plenamente destrutivo, pois a carne envelhece e apodrece. Já a história pode se eternizar, é mais durável, e deve ser valorizada:

Teu nome, eleito em sua fama,  
É, na ara da nossa alma interna,  
A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna (PESSOA, 1984, p. 95).

Escrito em primeira pessoa, o poema “As Quinas – Segunda/ D. Fernando infante de Portugal” traz, na voz do infante, a ambição de conquistas que se definem por uma “santa guerra”. A presença de Deus é de fundamental importância para D. Fernando, pois diz: “Deu-me Deus o gládio” e “Cheio de Deus, não temo o que virá”, caracterizando o imaginário do país que, com a “febre de além” e “querer grandeza”, busca no Deus católico coragem e proteção:

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá em minha face calma. Cheio de Deus, não temo o que virá, Pois, venha o que vier, nunca será Maior do que a minha alma (PESSOA, 1984, p. 97).

Em contraponto a *Mensagem*, a maioria dos poemas encontrados em *Cancioneiro* não atribuem a Deus a criação de tudo, nem o destino da alma. O poema “VI”, sob o título de “Em busca da Beleza”, trata como “ilusão” a alma em busca do descanso eterno: “Ilusão tudo!/ Querer um sono eterno,/ Um descanso, uma paz, não é senão/ O último anseio desesperado e vão”. Mesmo quando cita Deus, como no poema “VIII”, sob o título “Impressão do Crepúsculo”, não há exaltação, mas define a Deus como se seu poder estivesse no passado, obsoleto: “Hoje sei-me o deserto onde Deus teve/ Outrora a sua vida capital de olvido...” (PESSOA, 1984, p. 107).

Pessoa tem em sua obra diversos poemas que tratam

do tema do divino. Esse divino é colocado em seus versos de maneira diversificada, múltipla: cada heterônimo tem uma forma de interpretar a existência de Deus, como a visão panteísta de Caeiro, e há aquele que não acredita em Deus, como a visão ateuísta de Reis. Esta capacidade de multifacetar a imagem de Deus é algo que torna a obra de Pessoa ainda mais admirável ou questionável, fato este comprovado pelo número vasto de obras críticas que se ocuparam em analisar seu fazer poético. Samuel Dimas, em *A intuição de Deus em Fernando Pessoa*, procurou buscar os fundamentos histórico-filosóficos que contribuíram com a formação do universo cultural de Pessoa, definindo seus atos como: “transcendentalismo panteísta’. [...] Este sistema [...] envolve e transcende todos os sistemas: matéria e espírito são para eles reais e irreais ao mesmo tempo, Deus e não-Deus essencialmente. [...] a essência do universo é a contradição” (1998, p. 64).

Dimas segue suas análises sobre a obra de Pessoa, que coloca Deus como aquele ser procurado nos momentos de lamúria, de inconformação, de insatisfação:

O poeta, embora sempre inconformado, começa a juntar às suas profundas interrogações algumas respostas cujos instantes tornam presente o eterno e dão luz à sua condição existencial: são as cores de um novo paradigma ininterpretativo do real. A ‘sorte’ que ‘Deus’ lhe ‘deu’ foi ter nascido numa época de sínteses que procura superar os limites de uma visão mágica e determinista da realidade: Deus sabe melhor do que eu/ Quem sou eu/ Por isso a sorte me deu/ É aquela em que melhor estou.// Deus sabe quem eu sou e alenha / minha acções/ D’uma forma que não é a minha/

Mas que tem íntimas razões (1998).

O poema “Mar portuguez” também pode exemplificar o tom de inconformação de Pessoa porposto por Dimas em relação às súplicas ao divino, remetendo-se às súplicas, à tristeza do povo português em relação à perda de vida nos mares:

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram! [...]  
Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena. [...]  
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,  
Mas nelle é que espelhou o céu  
(PESSOA, 1998. p. 79).

Em alguns versos de Pessoa, Deus é colocado em plano superior, transcendental, como aquele que realiza sonhos, desejos, e proporciona ao homem a bonança de viver de acordo com o que lhe for destinado. Isso contradiz, segundo Dimas, a possível real crença de Pessoa, ou seja, a forma com que Deus é anunciado nesses versos parece ser significativamente oposta às manifestações religiosas diversificadas presentes no discurso dos heterônimos:

Os sonhos de Deus realizam-se sempre e é em Deus que o poeta vai depois poder dizer que tudo acontece: neste “sonho” Deus revela-se como ‘mistério’ e revela-o a ele como ser de mistério, algo que está em absoluta contradição com a mentalidade em que o próprio poeta vivia,

segundo a qual, o homem construía a vida à sua imagem e semelhança. [...] A visão da tradição cristã parte precisamente deste princípio: o homem não se faz, mas acolhe-se, compreende-se, ou seja, vive com um projecto que ele recebe. O homem cumpre-se (1998, p. 83).

As análises feitas acerca da obra de Pessoa por esse crítico literário também privilegiam outras manifestações divinas colocadas nos poemas através dos símbolos poéticos, como ocorre com: “A primeira fase da obra de Fernando Pessoa, que vai até meados de 1913, em que o vocabulário de sua poesia tinha uma especial incidência abstrata (alma, sonho, cousa, mistério)” (DIMAS, 1998, p. 70), como exemplificam os versos:

Pesa tanto e a vida é tão breve!  
Entrai por mim dentro! Tornai  
Minha alma a vossa sombra leve!  
Depois, levando-me, passai!  
(PESSOA, 1998, p. 83).

Na obra *35 Sonetos*, escrita em língua inglesa, o poema “V” fala do “futuro” e do “infinito” comparando-os a um Cristão: “Como o vero Cristão que a carne arrasta/ Ao pecar que lhe fecha o Céu sonhado” (PESSOA, 1974, p. 12). No soneto “XVII” o poeta propõe: “[...] sejamos/ Nós, do mundo a vidente substância,/ Mero Intervalo, Ausência de Deus, nada” (PESSOA, 1974, p. 60), reconhecendo a existência de Deus, em sobreposição aos deuses amplamente citados por Pessoa ortônimo nessa obra em inglês. O sujeito da enunciação lírica entrega-se, oferece-se aos deuses no soneto “XXIX”: “minha cansada vida, insatisfeita [...] Seja mudada,

ou por vós, Deuses, tida” (1974, p. 117).

Em *Cancioneiro*, obra de poesia lírica, Pessoa ortônimo assemelha-se a Caeiro, quando se refere à natureza com um tom de exaltação. Nos versos, o poeta conversa com a natureza, pela qual ele tem admiração e da qual gostaria de ter a “cor”:

Ah, na minha alma sempre chove. Há sempre escuro dentro de mim.  
Se escuto, alguém dentro de mim ouve  
A chuva, como a voz de um fim...  
Quando é que eu serei da tua cor,  
Do teu plácido e azul encanto,  
O claro dia exterior,  
Ó céu mais útil que o meu pranto? (PESSOA, 1984, p. 81).

O discurso do divino, constantemente encontrado em *Mensagem*, em *Cancioneiro* dá lugar a um discurso mais propriamente profano, pois as súplicas do sujeito de enunciação lírica são destinadas aos elementos da natureza, valorizando as sensações, como se o poeta católico desse lugar a um poeta panteísta. O poema “O infante”, ao contrário, fala da obra divina e atribui a Deus tudo o que foi criado no mundo:

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma  
(PESSOA, 1984, p. 77).

Um outro poema, “Noite”, traz a atribuição que os

portugueses fazem a Deus, inclusive para a definição do comportamento que devem ter. Depende de Deus a “licença” para que as coisas aconteçam, para que as decisões sejam tomadas. Se os portugueses querem alcançar poder e glória através das conquistas, só com a permissão divina é que isto será possível:

E com elles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de heroe,  
Queremos ir busca-los, d’esta vil  
Nossa prisão servil;  
E a busca de quem somos, na distancia  
De nós; e, em febre de ancia,  
A Deus as mãos alçamos  
Mas Deus não dá licença que partamos (PESSOA,  
1984, p. 80).

Mas, em contraponto à exaltação a Deus, os versos dedicados ao sebastianismo colocam este ente como uma substituição da figura de Cristo. Esse mito é tão poderoso em Portugal que o sujeito de enunciação lírico suplica a ele que represente para os portugueses o que Cristo representou:

Quando virás a ser o Christo  
De a quem morreu o falso Deus,  
E a despertar do mal que existo  
A Nova Terra e os Novos Céus? (PESSOA, 1984,  
p. 83).

No fragmento de *Mensagem* intitulado “O encoberto”, pode-se também encontrar outros versos que colocam D. Sebastião comparado a Cristo, concordando com a

ideia de que Pessoa, em seus versos, buscou divinizar D. Sebastião, assim como o povo português:

Sonnhava, anonymo e disperso,  
O império por Deus mesmo visto  
Confuso como o Universo  
E plebeu como Jesus Christo (PESSOA, 1984, p. 90).

Com isso, conclui-se que *Mensagem*, mesmo sendo considerada a obra mais cristianista de Pessoa, mais aproximada dos padrões morais e católicos de Portugal, não conserva por completo esse tom de exaltação ao divino. Até em alguns momentos em que cita Deus e Cristo, esse vocabulário serve-lhe como apoio às suas ideias, sempre ou quase sempre revolucionárias. Nos versos de Pessoa, o mesmo Deus que tudo cria aparece como um “falso Deus”, por quem Cristo nasceu. O poeta parece duvidar da crença em algo que nunca viu, como fundamenta em alguns versos agnósticos ou panteístas de seus heterônimos. Enfim, para definir o discurso do divino e do profano na obra de Pessoa, deve-se levar em consideração toda a sua multiplicidade temática, demonstrada pelas vozes e pelas crenças aparentes.

### **O discurso cristão e o não cristão na obra heterônima**

Alberto Caeiro, cuja obra de maior destaque é “O guardador de rebanhos”, caracteriza-se uma poesia predominantemente bucólica, buscando na natureza a inspiração para a sua produção poética e valoriza as sensações como comprovação da existência de tudo: “os



meus pensamentos são todos sensações” (PESSOA, 1984, p. 167). Isso o torna de certa forma caracteristicamente pagamista, já que cita Deus em seu poema não como algo em que se deve acreditar por imposição religiosa de uma cultura, mas por identificar a sua presença nas coisas que pode sentir, ter contato, como a própria natureza. Deus, neste poema, deixa de ter características transcendentais e o poeta assume versos panteístas, nos quais tudo e todos representam Deus, pois são uma criação e comprovam sua existências através dos sentidos:

Mas se Deus é as árvores e as flores e os montes  
e o luar e o sol,  
Para que lhe chamo Deus?  
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;  
Porque, se ele se fez, para eu o ver,  
Sol e luar e flores e árvores e montes,  
Se ele me aparece como sendo árvores e montes  
E luar e sol e flores,  
É que ele quer que eu o conheça  
Como árvores e montes e flores e luar e sol (PESSOA,  
1984, p. 171).

Algumas das mesmas atitudes encontradas nos poemas de Pessoa ortônimo surgem no Pessoa heterônimo, segundo Dimas, referindo-se o crítico ao tom panteísta corrente no poeta, mais precisamente em “O guardador de rebanhos”:

De acordo com o modelo definido pelo Transcendentalismo Panteísta (monista) a consciência unitária concebe a realidade pensando a Natureza como alma. [...] O espírito humano,

por sua própria natureza de duplamente – interiormente e exteriormente – percipiente, nunca pode pensar senão em termos de um dualismo qualquer; mesmo que chegue a uma concepção monística, dentro dessa concepção monística há um dualismo, mesmo que aos dois elementos constituídos da Experiência – matéria e espírito – se negue a realidade a um, não se lhe nega a existência como irrealidade [...] (PESSOA, 1984, p. 72).

Assim, o dualismo porposto por Dimas está intrínseco ao ser humano, estando o homem sempre sujeito a deparar-se com contradições até em si próprio, ou encontrar-se em multiplicidade de seres, como Pessoa. Esta contradição, esta dualidade pode ser consciente ou não, mas sempre fará parte da condição humana.

Ricardo Reis escreve alguns poemas com vocabulário erudito e métrica regular, característica advinda de seus estudos da cultura clássica (de latim, grego e mitologia). O heterônimo dá em um de seus poemas a receita para alcançar a liberdade, que dependeria da ausência de desejos, podendo o homem tornar-se igual aos deuses: “Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada/ É livre: quem não tem, e não deseja,/ Homem, é igual aos deuses” (PESSOA, 1984, p. 213). O paganismo é uma das características mais marcantes em Reis, incluindo a Natureza, Pã, como divindade, assemelhando-se a Caeiro: “O deus Pã não morreu,/ Cada campo que mostra/ aos sorrisos de Apolo/ Os peitos nus de Ceres -/ Cedo ou tarde vereis/ Por lá aparecer/ O deus Pã, o mortal”. O poeta Reis critica o cristianismo e exalta a mitologia greco-romana: “Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero./ Em ti como nos outros crio deuses mais velhos./ Só te tenho por não mais nem menos/ Do que eles, mas mais

novo apenas” (PESSOA, 1984, p. 128). Ironicamente o poeta afirma que o Cristão é um doente que deve procurar a cura deixando o monoteísmo e tornando-se plural, como o próprio poeta o é: “Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida/ É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros,/ E só sendo múltiplos como eles/ ‘Staremos com a verdade e sós” (PESSOA, 1984, p. 128).

Álvaro de Campos é um poeta futurista; as sensações é que compõem a arte para Campos. A cultura greco-romana também assume papel importante em sua produção poética, como no poema “Saudação a Walt Whitman”, em que o poeta define-o não como filho de Deus, mas como “grande bastardo de Apolo,/ Amante impotente e fogoso das nove musas e das graças,/ Funicular do Olimpo até nós e de nós ao Olimpo” (PESSOA, 1984, p. 296). Em “Lisbon Revisited”, Deus surge como receptor das lamentações do poeta: “Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) [...] Não me macem, por amor de Deus!” Já em “Poema em linha reta”, o poeta critica aqueles que pretendem ou almejam valorizar-se a ponto de tornarem-se semideuses: “Arre, estou farto de semideuses!/ Onde é que há gente no mundo?// Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?” (PESSOA, 1984, p. 296).

Na obra *Poemas completos de Alberto Caeiro*, do heterônimo pagamista que assume características panteístas, o poema “O guardador de rebanhos” traz no trecho “V” indagações sobre Deus: “Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma/ E sobre a criação do mundo” (PESSOA, 1984, p. 169). Após diversos questionamentos, o poeta tenta definir as conclusões a que chega o sujeito de enunciação lírica: “Não acredito em Deus porque nunca o vi/ Se ele quisesse que eu acreditasse nele,/ sem dúvida que viria falar

comigo” (PESSOA, 1984, p. 170). Consciente de que tais versos causariam choque à sociedade leitora portuguesa, o poeta acrescenta: “isto é talvez ridículo aos ouvidos/ De quem por não saber o que é olhar para as cousas/ Não compreende quem fala delas” (PESSOA, 1984, p. 171). No entanto, abrindo o verso com uma conjunção adversativa, o poeta explica onde e como crê em Deus, comparando elementos da Natureza com os rituais católicos:

Mas se Deus é as flores e as árvores [...]  
Então acredito nele [...]  
E a minha vida é toda uma oração e uma missa  
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos  
(PESSOA, 1984, p. 171).

O poeta declara aqui a posição panteísta do poema. O heterônimo Caeiro parece questionar a educação católica recebida por Pessoa: “Cristo [...]/ Diz-me muito mal de Deus/ E o Espírito Santo coça-se com o bico/ [...] Ele é o humano que é natural,/ Ele é o divino que sorri e que brinca” (PESSOA, 1984, p. 174).

O poema “VIII”, para a crença católica, pode ser considerado como uma heresia, pois, num tom ainda mais irônico que o comum, até sarcástico, o poeta exalta Jesus Cristo em detrimento dos outros entes divinos. Jesus Cristo, por ser mais humanizado, é visto no poema como uma vítima de maus tratos e “Tinha fugido do céu./ Era nosso demais para fingir/ De Segunda pessoa da Trindade”. Há aqui uma descrição indignada do sofrimento de Cristo:

Estar sempre a morrer  
Com uma coroa toda à roda de espinhos  
E os pés espetados por um prego com cabeça,

E até um trapo à roda da cintura (PESSOA, 1984, p. 172).

O poeta ainda satiriza ousadamente a “pomba”, símbolo divino do espírito santo: “O seu pai era duas pessoas -/ Um velho chamado José, que era carpinteiro,/ E que não era pai dele;/ E o outro pai era uma pomba estúpida” (PESSOA, 1984, p. 172).

Maria de Nazaré, que não é divinizada pelo protestantismo, mas o é pelo catolicismo, é no poema citada não como mulher, mas “uma mala/ em que ele [Jesus] tinha vindo do céu”. Por fim, o poeta revela, nesse poema narrativo, que Cristo aparece aos outros seres numanos “eternamente na cruz” porque quis assim, para que pudesse viver numa “aldeia” como “criança bonita de riso e natural”, ensinando ao poeta a “olhar para as cousas/ [...] todas as cousas que há nas flores” (PESSOA, 1984, p. 173), e este seria o seu verdadeiro valor.

O poder da crença religiosa ou da filosofia mais expandida em todo o mundo, o cristianismo, é reconhecido no poema “Tabacaria”: “Tenho apertado ao peito mais humanidades do que Cristo” (PESSOA, 1984, p. 304). Por outro lado, Deus não é citado como poderoso: “E ouviu a voz de Deus num poço tapado./ Crer em mim? Não, nem em nada.” (PESSOA, 1984), mostrando ao leitor uma tendência agnóstica no discurso poético de Pessoa heterônimo, que também fala de religiões: “olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria” (PESSOA, 1984, p. 304); e das descrenças na esperança: “e o universo/ Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança” (PESSOA, 1984, p. 308).

Os poemas de Pessoa publicados em inglês incluem o tom da cultura do lugar, diferente da portuguesa, pois,

apesar de o poeta ter iniciado os estudos num convento, o que denotaria uma formação católica, como dito, isso não fez com que deixasse de absorver elementos da cultura africana. No poema “Antínuo”, por exemplo, o poeta fala dos “deuses” e da “benção”: “Com treva aos próprios deuses, recuará/ De macerar assim tua estátua e minha benção”; e mais adiante o eu-lírico continua: “De novo os deuses sopram a mortíça brasa”; e fazendo com que o poema adquira um tom politeísta, mais uma faceta do sagrado e do profano no poeta: “Pelos grãos deuses, que amor amam e dar podem [...]/ Uma visão das reais coisas para além/ De nossa vida em vida prisionada [...]” (PESSOA, 1984, p. 311).

Os deuses são nesta obra a temática religiosa mais recorrente, como em “Epitáfios”: “Idade, o dever, os deuses pesam na consciência ventura”, sinalizando a ideia de multiplicidade de crenças em que a obra de Pessoa se enquadra tematicamente. Desse modo, retomando os poemas de Pessoa ortônimo, pode-se compará-lo aos heterônimos e constatar que o teocentrismo deste poeta é, por momentos, ironizado, assim como o agnosticismo e o panteísmo não podem ser considerados como pensamentos filosóficos permanentes de sua obra que, por sua vez, mostra-se dinâmica e repleta de inovações.

### **Considerações finais: o diálogo entre o divino e o profano**

O poeta Fernando Pessoa, inclusive por ter vivido em diferentes países, consequentemente em culturas diferentes, demonstra, em diversos momentos, pontos de semelhança entre os diferentes heterônimos e entre estes

e o ortônimo, em se tratando da temática, da métrica e do multifacetamento da voz lírica. Percebe-se a busca pela caracterização modernista em sua obra, como a valorização do coloquialismo, desde a criação da revista *Orpheu*, precursora do movimento literário em Portugal. Nesse momento, o poeta atodou uma métrica livre, buscando também cultivar o pensamento livre, por vezes escondido em metáforas, mas infringindo imposições sociais de sua época, fingindo obedecê-las, numa ironia sutil.

O multifacetamento do sagrado e do profano pode ser encontrado em diversos momentos na obra do poeta. A ele foi ensinada uma religião, o Catolicismo, e as consequências dessa imposição, e não escolha, talvez tenham gerado a vontade de participar de todas as crenças, conhecê-las, e de não se sentir parte de crença alguma. A ironia, a crítica implícita em relação à religiosidade podem ser encontradas em seus versos, do mesmo modo que a exaltação à natureza, à terra.

“O contato do cristianismo com o mundo da cultura sempre suscitou na Igreja o problema de integrar ciência e fé. Por isso, desde as origens, a Igreja foi promotora do saber, das ciências, das artes, da cultura” (RAMPAZZO, 2000, p. 18). Algumas das afirmativas em relação à criação do mundo demonstram que o cristão tem convicções que se configuram em tudo o que produzem e, na literatura, as crenças aparecem em textos, como ocorre com Pessoa.

Segundo Rampazzo, para os cristãos,

Deus é a origem da natureza e, ao mesmo tempo, da revelação, manifestada particularmente em Jesus de Nazaré. O cientista, de um lado, estuda a manifestação de Deus na natureza,

por meio da investigação racional, e o homem de fé (que pode também ser cientista) aceita, ao mesmo tempo, a outra revelação de Deus, que se realizou em Jesus Cristo. E Deus, origem de toda a realidade e totalmente perfeito, não pode contradizer-se (2000, p. 18).

Inúmeros fatores podem influenciar a popularidade de um poeta e sua obra. Pessoa é considerado um dos maiores poetas da história da literatura portuguesa e é inquestionável a caracterização de vislumbre atribuída às suas produções. Localizado num centro mundial difusor de cultura, a Europa, este poeta contou com a vantagem de ter distribuída pelo mundo sua obra, mesmo que depois de sua morte.

Pessoa, tão diversamente caracterizado pelos críticos literários, tão múltiplo em suas produções, que viveu alguns anos na África e de lá trouxe influências, utiliza uma temática divino-profana, tanto nos poemas do ortônimo, quanto nos heterônimos. O sujeito de enunciação lírica que se propõe a retratar a realidade por meio de seus poemas, como ocorre com o poeta, faz, na verdade, uma análise da realidade, seja por parte do saber popular, seja daquele filosófico e teológico. “E a análise da realidade é acompanhada pela humilde convicção de que nunca sabemos tudo” (RAMPAZZO, 2000, p. 14). Dessa forma, as interpretações que se fazem acerca da obra do poeta não devem deixar de observar que o mesmo se integra neste quadro de recriação da realidade, que não tem por obrigação tratar da realidade como ela é, mas refere-se a ela, às vezes, como poderia ser.



## Referências

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CHALLAYE, Felician. **As grandes religiões**. São Paulo: Ibrasa, 1981.

DIMAS, Samuel. **A instituição de Deus em Fernando Pessoa**. Lisboa: Épheta, 1998.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PESSOA, Fernando. **Poemas escolhidos**. Org. J. F. Lourenço. Lisboa: Ulisseia, 1984. Biblioteca de Autores Portugueses, 21.

\_\_\_\_\_. **Poemas ingleses**. Lisboa: Ática, 1974.

\_\_\_\_\_. **Livro do desassossego**. São Paulo: Ática, 1982.

RAMPAZZO, Lino. **Antropologia, religiões e valores cristãos**. São Paulo: Loyola, 2000.

SANGIRARDI JR. **Deuses da África e do Brasil. Candomblé e umbanda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

TILGHMAN, B. **Introdução à filosofia das religiões**. São Paulo: Loyola, 1996.

